

NACIONALISMO EM MÁRIO DE ANDRADE: estudos exploratórios

'Meu aristocracismo me puniu.
Minhas intenções me enganaram"

"... toda minha obra representa
uma dedicação feliz aos problemas do
meu tempo e minha terra".

Mário de Andrade

I Introdução

A necessidade de valorização nacional, aliada à busca da assimilação crítica da herança européia, marcaram profundamente o Movimento Modernista Brasileiro. Se de um lado os representantes mais destacados da intelectualidade modernista — notadamente Oswald e Mário de Andrade explicitaram claramente em suas obras ficcionais e jornalísticas a preocupação com a afirmação das "coisas nacionais", de outro propunham-se a acertar o passo da produção intelectual brasileira com a "modernidade", com os diversos "ismos" que marcavam o panorama europeu do começo do século.

Antônio Cândido, refletindo sobre a obra de Vargas Llosa, capta muito bem essa dinâmica de "empréstimos e inovações" que caracterizou igualmente a postura nacionalista de boa parte dos modernistas brasileiros:

...o romancista do país subdesenvolvido recebeu ingredientes que lhe vêm por empréstimo cultural dos países produtores de formas literárias originais. Mas ajustou-as em profundidade ao seu desígnio, para representar problemas de seu país, compondo uma fórmula peculiar. Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bens comuns através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma interdependência.(1)

Falando sobre o "primeiro tempo modernista, Mário da Silva Brito transcreve as palavras de Oswald de Andrade em "O Pinacho" onde o poeta aconselha aos jovens pintores que façam aflorar nas suas obras as "cores do Brasil", numa manifestação superior de nacionalidade. E conclui o historiador:

O Oswald de Andrade de 1912 e o de 1915 já são o prenúncio do que inventaria o movimento "Pau-Brasil" — produto da cultura européia e nacional, que outra não é, mesmo, a nossa contingência de povo, e principalmente nesse período de nossa história artística e cultural.(2)

Assim, a afirmação da nacionalidade já vem inequivocamente mesclada à herança e influência européias. Digo mais: é bem provável que não ocorresse a primeira sem a segunda:

A emergência do novo é sempre um ponto nevrálgico para a história da literatura. Obras como 'Paulicéia Desvairada' de Mário de Andrade e 'Memórias Sentimentais de João Miramar' de Oswald de Andrade, já formalmente modernistas, poderiam ter sido escritas sem a abertura dos seus autores ao que se estava fazendo na França, ou, via França, na Itália futurista, na Alemanha expressionista, na Rússia revolucionária e cubo-futurista? Parece que não.(3)

Trata-se, então, de afirmação cultural sem negar os contatos e influências. Mesmo porque, como afirma Antônio Cândido no artigo acima referido, aquele já era o momento de superação de uma visão provinciana de propostas de originalidade isolacionista. Embora eficientes e adequadas a um momento específico da formação da nacionalidade, não mais serviam à ideologia vigente, num mundo pautado pela interação e interrelação.

A união do grupo modernista, a princípio possível porque havia um projeto comum — a ruptura com os mestres do passado —, dura pouco. Os diferentes enfoques do nacionalismo constituíram o ponto de ruptura. Todos continuaram nacionalistas.

Mas o grupo de Mário e Oswald de Andrade, Sérgio Milliet não se perdeu numa dimensão xenófoba. O outro grupo, "verde-amarelamento" limitado, fechou-se numa postura de "só o que é nosso interessa", da valorização de características exteriores, da cordialidade do homem da terra, numa dimensão de efeito, no final das contas, bem parnasiano.

No entanto, há que se procurar evitar o maniqueísmo da divisão estanque: nacionalistas críticos X nacionalistas patrioteiros. Ambos os grupos — o liderado por Mário e Oswald e, o outro, composto por Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, etc. — respiram a mesma atmosfera ideológica, sendo permeáveis às configurações do nacionalismo que definia e enformava o período. A diferença é que isso ocorria em grau e com espírito crítico diferentes, apesar de guardarem pontos em comum.

II O Nacionalismo da década de 20

"Criança, não verás país nenhum como este"
Olavo Bilac

"Não verás país nenhum"
Ignácio de Loyola Brandão

Entre as várias consequências da Primeira Guerra Mundial sofridas no Brasil, há que se dar especial destaque à nova "disposição" do seu panorama social. Há uma crise do modelo agropatriarcal, de economia baseada na cultura predominantemente de café e caracterizado por um capitalismo não plenamente desenvolvido. Este modelo entra em crise devido a diversos fatores — internos e externos — como o afrouxamento temporário dos vínculos externos (por causa da guerra), aceleração do processo de

industrialização, expansão e fortalecimento do grupo industrial que agora se vê em condições de lutar pela hegemonia política e — o que aqui nos interessa mais de perto — pela eclosão de um surto de nacionalismo. (4)

A "reacomodação" das fatias de poder, elaborada no quadro das camadas dominantes, faz aflorar uma série de contradições internas: as greves operárias (já nos anos que antecedem 1920), início das rebeliões militares, descontentamento de setores da oligarquia agora aliadas do poder, etc., No bojo dessas mudanças, e estruturalmente também dela constituidores, temos à época a fundação do Partido Comunista, a reorganização do grupo ligado à Igreja Católica em torno de Centro D. Vital, a criação de inúmeras Ligas Nacionalistas, a Semana de Arte Moderna.

Essa recomposição do poder vai se servir da ideologia nacionalista de um Estado forte. Caracterizando a sociedade brasileira como amorfa, como "sem caráter", essa ideologia vê no Estado Nacional o elemento capaz de "harmonizar" e "organizar" os diversos grupos sociais atenuando as reivindicações das classes trabalhadoras que já se organizavam à época de forma bastante contundente. É uma ideologia marcadamente autoritária, que se camufla de neutralidade mas que serve simultaneamente à "reacomodação das camadas dominantes" e à contenção da organização crescente das camadas dominadas.

Nas muitas obras de cunho nacionalista que caracterizam o período (de Alberto Torres, Oliveira Viana, Azevedo Amaral, Francisco Campos), percebe-se claramente a intenção legitimadora de uma ideologia autoritária que propõe, como já disse, o fortalecimento de um poder público central falsamente democrático, "tutor" da sociedade e com evidentes propósitos de influir sobre os acontecimentos. (5) É o reinado da retórica pátria, a bandeira

do nacionalismo imposta de cima para baixo.

Já falei em outro trabalho (6) sobre a ligação entre o nacionalismo da década de vinte e o nacionalismo que caracteriza a produção modernista. Centrando o estudo em Macunaíma, procurei salientar as homologias e diferenças entre as concepções que marcaram os diversos "programas" nacionalistas e as propostas de aproveitamento do nacional empreendidos por Mário de Andrade. No mesmo trabalho, aponto a postura de busca do "caráter nacional" e a contraposição entre cidade e campo (ou espaço primitivo) presentes na obra de Mário (e, de resto, em boa parte da dos outros modernistas) que também são comuns a esse nacionalismo autoritário.

Segundo Alfredo Bosi (7), numa afirmação embora um tanto radical, a obra dos modernistas, com suas mitologias (tanto as liberais, como as direitistas), é devedora da concepção de nação como síntese social e de uma visão exageradamente carismática do primitivo. O crítico salienta que as mitologias modernistas, embora fecundas enquanto produção criativa, "quebram" ou "clareiam" o fio vermelho de um nacionalismo mais crítico de alguns escritores que os precederam (Lima Barreto, Euclides da Cunha, Raul Pompéia).

O fio vermelho afina-se, confunde-se e até parece desaparecer na trama dos verde-amarelismos reais ou jocosos do primeiro Modernismo paulista, de tal modo que o terceiro momento forte de uma concepção agônica e contraditória do nacional só se daria, de fato, depois de 30. (8)

No entanto, e como elemento inovador de contradição, os modernistas — e Mário de Andrade em especial — refletem, no seu nacionalismo, dimensões novas do que é brasileiro, num projeto amplo de emancipação cultural. Esse projeto, a despeito da ine-

vitável contaminação ideológica do nacionalismo da época, já aponta a percepção de uma visão totalizante no popular, o desejo de afirmação de uma realidade "ex-ótica", ou seja, fora da ótica, do dominador, de ponto de vista que se quer popular, que afirme a especificidade do espaço e criação brasileiros e até latino americanos. Ainda que essa afirmação se balize na contraposição ao elemento europeu — baliza, de resto, inevitável, — busca simultaneamente a afirmação daquilo que é "próprio", daquilo que abre a possibilidade do novo através do primitivo, da ousadia experimental e da recuperação valorizadora do que é próprio em nossa herança cultural.

III. Nacionalismo de Mário de Andrade:

"Ai! que preguiça!..."

Mário de Andrade

"Viva a preguiça/Viva a malícia/
que só a gente é que sabe ver"

Milton Nascimento

A preocupação com o nacional em Mário de Andrade — sentimento, estado de espírito, matéria poética — leva-o a explorar em sua obra as potencialidades do universo cultural brasileiro, com projeções latino-americanas e universais. Em carta a Manuel Bandeira, assim define Macunaíma, herói de nossa gente, ainda que pelo avesso:

... muito secretamente o que me parece é que a sátira além de dirigível ao brasileiro em geral, de que mostra alguns aspectos característicos, escondendo os aspectos bons sistematicamente, o

certo é que sempre me pareceu também uma sã-tira mais universal ao homem contemporâneo, principalmente sob o ponto-de-vista desta sem-vontade itinerante, destas noções morais criadas no momento de as realizar, que sinto e vejo tanto no homem de agora.(9)

Essa abertura, principalmente para um espaço latino - americano, cunha sobremaneira a obra de Mário. A preocupação com a derrubada dos ponteiros geográfico-culturais no continente americano, configura uma tentativa de diminuição da característica de ilha com que o Brasil se revestiu no decorrer de sua história — dentre outros fatores — por sua colonização portuguesa. A derrubada de fronteiras, no interior mesmo do Brasil, aparece como um dos temas recorrentes de sua atividade de escritor e crítico. São as corridas panorâmicas de seu herói sem caráter, a confluência num mesmo espaço da fauna e flora do Brasil todo, a "mistura", a intertextualidade buscada de lendas e mitos do Brasil de norte a sul. É a postura de um sentimento comum que una o homem do sul e do norte do país:

(...)
Nem você pode pensar
Que algum outro brasileiro
Que seja poeta no sul
Ande se preocupando
Com o seringueiro dormindo,
Desejando pro que dorme
O bem da felicidade...
(...)(10)

É a busca de um mito que "poeticamente" relate a origem do brasileiro: o boi, o jabuti grande.

Influenciado pela abordagem que faz Frazer dos ritos de vegetação, encara o "culto" do boi como a substituição mítica, para o brasileiro, da renovação mítica da natureza.(11) São muitos os exemplos de tratamento mítico do boi, principalmente no que se refere a sua manifestação folclórica: o bumba-meu-boi. É episódio importante em Macunaíma, aparece sistematicamente nos

seus estudos sobre folclore, é matéria poética:

(...)
É falta o boi Paciência, o boi que pertence a Armida,
Traz nos guampas os cornos da luna
E um peitoral de turmalinas.
(...) (11)

Sua obra retoma mitos, lendas, costumes latino-americanos reelaborados criticamente num espaço fantástico, lendário, mítico que transcende os limites do Brasil ao afirmar-se como espaço-síntese do conjunto das nações do novo mundo.

Não é à toa que Macunaíma sente-se muito bem com a consciência de um latino-americano quando, voltando a seus pagos, não encontra sua própria consciência anteriormente deixada na ilha de Marapatã. A passagem metaforiza a "busca conjunta de caráter" do brasileiro e do latino americano. No Clã do Jabuti, em Remate de Males, aflora o trabalho com os mitos amazônicos, africanos e sertanejos que transcende um espaço exclusivamente brasileiro. O casamento com uma das filhas de Vei, a Sol — e que possibilitaria a caracterização definitiva do herói — aponta para uma totalidade, conscientemente buscada, de espaço tropical.

A procura, sem dúvida de cunho psicologizante, do "caráter" do brasileiro, não anula, antes contraditoriamente afirma, a indicação de soluções formalmente amadurecidas, no anseio de alçar as soluções discursivas populares a nível do erudito. A limitadora "busca do caráter" faz aflorar as raízes populares, indígenas e negras de nossa cultura em uma experimentação de cunho limitado.

Em outras palavras, ainda que resvale pela postura própria a um nacionalismo autoritário e acrítico, Mário aponta caminhos em sua obra que indicam uma superação tanto no plano formal como temático de um nacionalismo ornamental apenas. A "fala im-

pura" do rapsodo ultrapassa os limites da língua culta trazendo a seara do popular para sua seara de "contador" erudito.

A "prosa" de Mário — e prosa no duplo sentido de produção ficcional e fala oposta ao verso e à retórica — assenta suas bases na poética musical popular, afirmando seus ritmos (do coco ao lundu da embolada, etc.), num "amontoado" polifônico buscado de frases, temas, motivos. Desde "Paulicéia Desvairada", já se sente a procura nacionalista de uma nova visão do código. Paulicéia engloba o coloquial, aceita e reelabora os brasileirismos, já abre o espaço de manifestação do popular como colagem, como solução poética. Prepara o terreno para a experimentação posterior radicalizada em Macunaíma, no Manifesto Antropófago. O crivo crítico nacionalista do ritual antropofágico sistematizado no Manifesto de Oswald já está presente n'"O Trovador" da Paulicéia;

"Sou um tupi tangendo um alaúde";⁽¹²⁾

e no posterior "grito imperioso" do "Improviso do Mal da América";

"Me sinto sô branco agora, sem ar neste ar-livre da América!
Me sinto sô branco, sô branco em minha alma crivada de raças!"⁽¹³⁾

Clã do Jabuti abriga todos os ritmos da poesia e música populares que lhe dão a base poética: toada, acalanto, moda de viola. Um livro que trans-regionaliza, sob a "couraça" mítica do jabuti (mito Caxinauá). É o totem do brasileiro — jabuti o animal fraco mas esperto — que lhe regra a conduta e lhe define a origem.

A superação do nacionalismo "meramente ornamental" igualmente se dá na criação de uma geografia fantástica, maravilhosa, com capacidade de estruturar mágica e desmesuradamente o espaço americano.

Com essa "desgeograficalização", o nacionalismo de Mário de Andrade opõe-se ao nacionalismo patrioteiro. Sua postura trava também um diálogo tenso com o regionalismo limitador; uma vez que o uso que faz do folclore e do popular evidencia visão extremamente crítica, elaborada não apenas como pano de fundo ou "enfeite", mas antes como solução estrutural de composição poética. Esse "uso" constitui o cerne de sua afirmação nacionalista.

Em 1927, com Amar, Verbo Intransitivo, o escritor já traz a discussão do nacionalismo, do "sintoma de cultura" para o espaço urbano brasileiro. É a "fala brasileira", do dia-a-dia, com seus regionalismos e vulgarismos, gírias, etc. (14) É a contraposição entre o brasileiro e o ideal europeu, germânico.

Um outro veio estruturador da postura nacionalista na obra de Mário de Andrade é a temática da preguiça.

Usada como refrão do herói Macunaíma, adquire conotações variadas no interior da rapsódia: é inércia no Uraricoera quando Macunaíma recusa-se a participar na divisão de tarefas na tribo; é salvação do herói quando se livra da Caapora; é resistência à reificação do trabalho na cidade grande; é plenitude, é gozo com Ci.

A preguiça é encarada como traço que define, contraditoriamente, o primitivo (por extensão também o brasileiro em geral) como resistência, como meio de conservação do que lhe é próprio.

Preguiça não é dado negativo, mas oportunidade de contemplar e participar do universo, recriando-o sensivelmente como o nordestino sabe fazer. (15)

Inspirado em Keyserling, Mário afirma a preguiça como arma do primitivo, e por extensão, do colonizado diante da sociedade de consumo que massifica e desumaniza. Abre a preguiça a pos-

sibilidade de uma ótica própria que admite a valorização sensível da criação popular alijada do mundo dividido e clivado do "progresso" capitalista.

Em Maleita I e II, contrapõe a sua "apaixonada atração pela maleita" ao "ponto de vista litorâneo-europeu" (16) e "a união nacional" propiciada pelo "banzar em viagens tontas" pelo Brasil é almejada na "Louvação da Tarde" (17). Mais uma vez, a crítica ao urbano reificador é feita através das lentes nacionalistas.

Concluindo, pode-se afirmar o nacionalismo de Mário de Andrade como uma consciência-limite contraditória sobre as coisas de seu tempo e sua gente.

NOTAS

1. MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. Literatura e Subdesenvolvimento. In: Argumento, nº 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra outubro de 1973, p.19.
2. BRITO, Mário da Silva. História do Modernismo Brasileiro: Antecedentes da Semana de Arte Moderna, 5a.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978, p. 35
3. BOSI Alfredo — Moderno e Modernista na Literatura Brasileira. In: Temas de Ciências Humanas, nº 6, São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1979, p.141.
4. Cf. PAIVA, Vanilda P. O Nacionalismo e a Educação Popular: o Entusiasmo pela Educação. In: Educação Popular e Educação de Adultos, São Paulo, Ed. Loyola, 1973.
5. Cf. LAMOUNIER, Bolivar. Formação de um Pensamento Político Autoritário na Primeira República. Uma interpretação.

- In: FAUSTO, Boris (org.)- O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930) 2a. ed., Rio de Janeiro/São Paulo, Difusão Editorial S/A., 1978.
6. Cf. CURY, Maria Zilda Ferreira. Arte e Criação em Macunaíma. In: Ensaios de Semiótica, nº 6, Belo Horizonte, Faculdade de Letras (UFMG), Departamento de Lingüística e Teoria da Literatura, 1981.
 7. BOSI, Alfredo. O fio Vermelho. In: Folha de São Paulo, 17/05/81. Folhetim.
 8. BOSI, Alfredo. op. cit. p. 5
 9. ANDRADE, Mário de, Carta a Manuel Bandeira, datada de São Paulo, 12 dez., 1930. In: BANDEIRA, Manuel (org.) Cartas a Manuel Bandeira, Rio de Janeiro, Simões, 1958 -apud ANDRADE, Mário de. Macunaíma: o herói sem nenhum caráter. Edição crítica/de Telê Porto Ancona Lopes. São Paulo, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, LTC, 1978.
 10. ————. Descobrimento. In: Clã do Jabuti, Poesias completas, São Paulo, Círculo do Livro, por cortesia da Livraria Martins Editora. p. 181
 11. Cf. LOPES, Telê Porto Ancona Mário de Andrade: Ramais e Caminho, São Paulo, Livraria Duas Cidades Ltda., 1972.
 11. ANDRADE, Mário de. Brasão., In: A Costela do Grão Cão, op. cit. p.300.
 12. ————. — O Trovador. In: Paulicéia Desvairada, op. cit. p. 39.
 13. ————. Improviso do Mal da América. In: Remate de Males; op. cit. p. 242.

LOPES, Telê Porto Ancona. Uma difícil conjugação. In: DRUDE, Mário de. Amar, Verbo Intransitivo, Belo Horizonte, Itora Itatiaia Limitada, 1982.

S. Telê Porto Ancona. Mário de Andrade: Ramais e Canho, São Paulo, Livraria Duas Cidades Ltda, 1972.

ADE, Mário de. Maleita I e II. In: Taxi e Crônicas no ârio Nacional, estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopes, São Paulo, Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

ADE, Mário de. Louvação da Tarde; Remate de Males, cit.p. 200